

REALIDADE INDÍGENA

# Xavantes aumentam e querem ampliar reserva

*Nos últimos 40 anos a população mais que quadruplicou. Nove mil índios se dividem hoje em seis aldeias fragmentadas*

19 de Junho UFMT



Como parte do ritual de Furação da Orelha jovens xavantes da aldeia São Marcos passam horas seguidas dentro do rio movimentando a água ritmicamente

**ALINE CUBAS\***  
Da Reportagem

A população de índios xavantes, espalhada em seis áreas a leste de Mato Grosso, está aumentando vertiginosamente. As estatísticas que apontavam para cerca de 2 mil habitantes na década de 60 indicam hoje mais de 9 mil índios. Por conta deste crescimento, a comunidade que já esteve ameaçada de desaparecimento enfrenta agora problemas de falta de espaço para sobreviver e conservar suas tradições.

São cerca de um milhão de hectares em um território fragmentado entre as aldeias de São Marcos, Sangradouro, Marechal Rondon, Pimentel Barbosa, Areões e Parabubure.

Liderados pelo cacique Aniceto, os quase mil índios (60% de crianças) que vivem nos cerca de 88 mil hectares pertencentes à aldeia São Marcos, no município de Barra do Garças (494 km a leste de Cuiabá), lutam pela ampliação da reserva.

Além de área para fazer as roças de banana, milho e mandioca, os xavantes dependem de espaço para fazer a coleta (atividade de onde sempre tiraram a maior parte de sua subsistência) e, principalmente, para a caça.

O aumento da população e a derrubada da vegetação em torno da reserva estão diminuindo o número de animais na área.

Para os xavantes, a caçada é uma das principais atividades da tribo. As caçadas coletivas são discutidas com várias semanas de antecedência. É por meio da caça que se coloca em xeque a resistên-

cia física, a rapidez, a agilidade e a astúcia, virtudes prezadas socialmente.

"A área é pequena para mantermos nossas tradições", disse Aguiuelo Temrite-Wadzaisé, 27, que reclama também da contaminação de agrotóxicos e adubos lançados por fazendeiros vizinhos à reserva.

Para lutar pela ampliação da área e pelas melhorias das condições de vida dentro da aldeia, os xavante — a exemplo do que vem fazendo outras etnias — criaram a Associação Tsere'Omorâte para representá-los, sem a necessidade de interlocutores, junto aos órgãos oficiais.

Entre os planos que a associação está estudando colocar em ação está a elaboração de projetos a serem financiados pelo Programa de Apoio direto às Iniciativas Comunitárias (Padic), do Prodeagro.

Para colocar em prática os planos de melhoria da qualidade de vida e ao mesmo tempo de manutenção das tradições, os xavantes estão buscando a parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso, cujo reitor, Fernando Nogueira, liderou uma equipe de professores e alunos em visita na semana passada à aldeia de São Marcos, a convite do cacique Aniceto.

UFMT e xavantes estudam a possibilidade de implementar ações nas áreas de saúde, produção de alimentos e educação, esta última com a liberação do vestibular regular para os índios interessados no curso superior.

\* A repórter Aline Cubas viajou até a Aldeia São Marcos a convite da UFMT.

VIDE-VERSO

1999

LUX JORNAL

DIÁRIO DE CUIABÁ  
CUIABÁ — MT

PUBLICADO EM:  
\* 1 JUN 1997

INSTITUTO

Documentação

Fonte: *Xavantes & Cuiabá*

Data: *16/07*

Class.:

Pg.

4

# Índios eram arredios e ferozes na defesa de terras

Da Reportagem

Os xavantes viviam entre os rios Tocantins e Araguaia, no norte de Goiás, até o início do século XIX, mas as primeiras notícias sobre eles começaram a circular na década de 30 e davam conta de um povo que se autodenominava "Auwe", formado por homens nus e ferozes que atacavam qualquer intruso.

Pressionados pelos colonos e sertanejos que já naquela época ocupavam o interior de Goiás, os xavantes mudaram-se para o leste de Mato Grosso, na região do rio das Mortes.

Expedições militares, missões religiosas e mesmo outras etnias, todos eram atacados pelos índios

guerreiros. Há relatos de tribos bororós que chegaram a se refugiar em missões salesianas para fugirem ao ataque dos xavantes.

Segundo o antropólogo da Universidade de Harvard, David Maybury-Lewis, no livro "A sociedade xavante" (Francisco Alves Editora, 1984), as primeiras tentativas sérias de contato pacífico foram feitas pelos padres salesianos Pedro Saciloti e João Fuchs que subiram o rio das Garças em 1934. Foram mortos à margem do rio.

Nas tentativas seguintes, os índios deram a entender que queriam ser deixados em paz. Houve também conflitos com colonos locais, ajudados por índios bororós, culminando com a invasão de

uma aldeia e morte de mais de 30 crianças e mulheres xavantes.

Seguiram-se outras tentativas de aproximação, algumas vezes usando de força, até que por volta de 1940 o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) passou a deixar presentes nas trilhas encontradas no meio da mata. Após anos de persistência, em 1951 os xavantes foram convencidos a trocar presentes, passando em seguida a visitar o Posto do SPI, em São Domingos.

Segundo Maybury-Lewis, em 1962 os poderosos grupos de xavantes que anteriormente tinham conseguido manter os colonos afastados haviam sido reduzidos e estavam, pela primeira vez, cientes de sua impotência. "Nas vas-

tas terras devolutas do leste mato-grossense eles foram acossados e cercados pelos colonos a tal ponto que foram forçados a pedir proteção junto às missões salesianas ou junto aos postos do SPI", escreveu o antropólogo.

Apesar de divididos atualmente em várias aldeias, os xavantes falam a mesma língua e têm a mesma cultura.

Para a pesquisadora Cláudia Menezes, na tese de doutorado sobre "Missionários e índios em Mato Grosso", a pacificação dos xavantes teve como pretensão reuni-los em reservas indígenas para liberar as demais áreas ocupadas pelos índios, objetivo que teve a contribuição também das ações das missões salesianas. (A.Cb.)

## Tradições são mantidas mesmo com chegada de bens modernos

Da Reportagem

As antenas parabólicas fincadas ao lado das casas de palha impressionam tanto quanto a imagem de Nossa Senhora e a imensa cruz de madeira estrategicamente entronadas no "wa'rá", espaço central entre as malocas e onde o conselho de anciões tomam as decisões sobre a vida na aldeia de São Marcos.

Mais surpreendente ainda é perceber que apesar da proximidade com os religiosos e com os moradores das cidades vizinhas, os xavantes estão conseguindo manter suas tradições. Na aparência, os índios guerreiros que andavam nus usam agora calças jeans, camisas e chinelos de dedo, mas na essência a estrutura social e os rituais permanecem praticamente os mesmos.

A divisão da sociedade indígena, assim como o papel de cada indivíduo no grupo doméstico também é mantido. Os homens passam por diversas fases (classes) de acordo com a idade, até que com a iniciação e o casamento entram para o conselho dos anciões, que toma todas as decisões relativas à aldeia. O sistema político de clãs e linhagens também permanece mais ou menos inalterado.

Mas Raimundo, sobrinho do cacique Aniceto, reconhece que as "novidades estão chegando". Tentando disfarçar um sorriso, ele reconhece que agora nem sempre os filhos aceitam as imposições dos pais na escolha dos futuros cônjuges. Na sociedade xavante, os filhos são prometidos em casamento pouco depois de nascer.

Apesar do rádio e da antena parabólica presente na aldeia, ainda são poucos os xavantes de São Marcos que falam o português.

O número de animais diminuiu, mas as caçadas comunitárias ainda movimentam a aldeia que se prepara semanas antes do acontecimento. Atualmente, os homens estão terminando os detalhes de uma empreitada programada para julho. "Ainda conseguimos pegar caititu, anta, tamandú e veado do mato", explicou Agnelino Temite-Wadzate, 27.

A comunidade de São Marcos nasceu em 1956 de um racha no grupo de Sangradouro que decidiu não viajar para Cuiabá. Nessa época, depois de sofrerem epidemias e de serem escorraçados pelos habitantes da região, quase foram exterminados por um fazendeiro com comida envenenada, salvos com a interferência dos salesianos. (A.Cb.)



Mesmo com acesso ao mundo branco (parabólica ao fundo), tradições persistem

## Cai influência salesiana na vida da aldeia

Da Reportagem

Contrastando com as malocas de folhas de buritis, uma antiga construção de alvenaria onde funciona a igreja, a escola e a residência dos missionários marca a presença dos missionários salesianos na aldeia São Marcos. A participação dos padres no dia-a-dia dos xavantes já foi mais forte, especialmente na catequese das crianças e dos jovens. Hoje resume-se basicamente à assistência esporádica à saúde e assistência religiosa.

Em São Marcos a influência cultural dos padres pode ser sentida na modificação na aldeia dos hábitos e tradições. Os índios que antes andavam nus, agora usam roupas e calçados, além de frequentarem as missas de domingo. A poligamia também foi deixada de lado e onde antes era comum, e até aconselhável para a estrutura social da comunidade, um homem ter mais de uma mulher, hoje a prática é considerada errada.

Desconfiados, e alguns até ressentidos com a tentativa de alguns salesianos de os fazerem rejeitar a língua e os rituais xavantes, os mais velhos reclamam da insistência dos religiosos.

A educação formal (1ª a 8ª séries) que os jovens recebem em uma escola estadual que funciona na aldeia também já foi responsabilidade dos padres, agora fica a cargo de professores xavantes.

Mas os religiosos ainda mantêm um ginásio para formação em enfermagem e técnicas agrícolas para jovens das aldeias de São Marcos e Sangradouro. No ginásio que recentemente formou 42 xavantes as aulas são ministradas em blocos. Segundo o padre Bartolomeu Giaccaria, 65, que desde a fundação da missão em 1957 trabalha com a questão indígena, na primeira metade do mês, os alunos assistem às aulas teóricas e na seguinte, voltam para as aldeias onde aplicam na prática o que aprenderam.

A missão leva também as ações missionárias por meio de um trabalho volante e periódico realizado por um padre que percorre as demais aldeias xavantes em uma caminhonete Toyota. (A.Cb.)

## Furo na orelha marca início da vida adulta

Da Reportagem

Esta semana a aldeia de São Marcos realizou, depois de um intervalo de sete anos, a cerimônia de Furação de Orelha, ritual de iniciação no qual os jovens xavantes passam para a vida adulta. Foram 108 jovens que após passarem uma média de cinco anos na Ho (casa de solteiros) se preparando para isso, a partir de agora compõem a classe dos guerreiros xavantes.

A Ho é uma casa onde os meninos com idade em torno dos 11 anos passam a morar juntos para desenvolver o espírito de solidariedade e companheirismo. Durante esse tempo, eles são alimentados por suas famílias o que os deixam com poucas obrigações. Nesse período, são orientados por um adulto que os ensinam as danças, os rituais e as habilidades para se tornarem homens maduros. Apesar de considerados sexualmente capazes, não devem manter relações sexuais.

A cerimônia de iniciação tem início com a perfuração dos lóbulos das orelhas dos jovens para a colocação dos batoques cilíndricos. Segundo apurou o antropólogo David Maybury-Lewis, que estudou os xavantes na década de 60, "esses batoques perfuram a orelha do mesmo modo que seu pênis podem penetrar uma mulher. A perfuração da orelha simboliza o reconhecimento de sua condição de homens plenos".

Após a furação das orelhas, os iniciandos passam por rituais de imersão que acreditam transmitir aos jovens as qualidades da criação. Novamente, os iniciandos se isolam da aldeia e passam o dia e parte da noite dentro do rio, onde realizam movimentos ritmados com os braços em forma de concha, jogam as águas sobre parte do corpo. Mulheres são proibidas de assistir a este momento da cerimônia. Na manhã do dia seguinte, por volta das 7 horas são liberados do ritual. Passam o dia descansando, enquanto sua família faz um bolo de milho xavante, cuja massa é envolvida em folhas de palmeiras e cozida durante todo o dia sob as brasas de cupinzeiros. (A.Cb.)